



SÓ UM DIA

António Torrado

escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou

O dia nasceu enfarruscado. A pesada manta de nuvens cobria o céu todo, sem deixar de fora sequer uma nesga de azul. Devia ser do frio.

As pessoas iam à sua vida, encafudadas nos seus pensamentos, sem a sombra a acompanhá-las. Faltava a luz do Sol.

– Que dia tão feio – disse alguém.

O dia, que poucas horas tinha de vida, amou e fez beicinho. Choramingou. Choveu.

– Já cá falta a chuva... – disse mais alguém, chapinhando na lama. – Que dia horrível.

O dia sentiu-se e, ofendido, mais carrancudo se pôs. E protestou, em forma de trovoada.

Trovejou e choveu que tempos. Depois de muito ter barafustado, o dia cansou-se. Pararam chuva e trovões. Foi um alívio. Ficou o ar lavado e a terra encharcada e contente.

– Há dias piores – disse alguém.

Não era um elogio, mas para aquele dia, que ainda não ouvira uma palavra amável, soou a elogio. Com um suspiro reconfortado, deixou que uma brisa desvanecesse as nuvens. Começaram a desenhar-se as sombras atrás das pessoas.

– Ainda vamos ter um lindo dia... – disse alguém.

O dia abriu-se num sorriso que rasgou o céu de par em par, muito azul, muito luminoso.

Brilharam as ervas e as folhas ainda molhadas.

– Que dia maravilhoso – diziam as pessoas umas para as outras.

O dia também era da mesma opinião. Mas de si para si comentou: "Como as pessoas são inconstantes. Ora dizem uma coisa ora dizem outra. Não as entendo".

Pois era. Para entender as pessoas um dia não bastava...

FIM